



Análise MENSAL

Macroeconomia

JANEIRO DE 2018

1. INTRODUÇÃO

Apesar de alguns sinais de instabilidade, vindos dos EUA, a economia mundial segue bem aquecida. Isso leva a um crescimento no gasto das famílias e no nível de negócios na maioria das economias estudadas para esse documento.

Um outro sinal de alerta são os índices de inflação e de salários, que não estão agindo de forma positiva nessas mesmas economias.

Na América Latina há um problema sério de supervalorização dos ativos, que diminui o interesse dos investidores de irem para esses

locais. Destacam-se Brasil e Colômbia com esse problema.

Para a economia brasileira, em 2018, há um problema das expectativas com a reforma da previdência e com as eleições, que aumentam a volatilidade e afetam os humores do mercado.

Mesmo dependendo mais do setor externo que do interno, o cenário macroeconômico brasileiro pode melhorar se as ações necessárias para o saneamento econômico forem feitas e preparem o terreno para uma economia saudável em 2019.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

A economia norte-americana sofreu um abalo de confiança no mês de janeiro. Por que após a divulgação de dados tão favoráveis houve uma queda na confiança?

Como já dito anteriormente, o FED controla a taxa de juros nos EUA. O problema é que, com a política monetária expansionista de Obama, que concedeu enormes quantidades de crédito para que os bancos não quebrassem durante a crise de 2008, muito dinheiro foi colocado no mercado. Para que isso não virasse inflação, paga-se aos bancos para não colocar esse dinheiro em circulação. Com isso, qualquer aumento de juros gera um enorme gasto para o governo norte-americano.

Assim, com a divulgação de dados favoráveis para a economia dos Estados Unidos, que mostraram que o consumo das famílias estava crescendo rapidamente, o mercado se assustou com a possibilidade da antecipação de aumento nos juros, que arrefeceria a economia dos EUA como um todo.

A inflação norte-americana deve ficar próxima de 2% e os juros devem escalar para 2,75%, com taxa real abaixo de 1%. Isso é ruim para o Brasil, pois há maior atração de capital para os EUA com a taxa de juros nesse patamar.

O dólar se recuperou no mês, com pequenos ganhos em relação às moedas mais importantes do mundo.

O Banco Central Europeu não deve apresentar mudanças significativas em suas políticas. A novidade fica por conta da Inglaterra, que deve manter as taxas de juros sem mudanças, mas sinalizaram que ela deve aumentar nos próximos dois anos.

A economia indiana dá sinais de recuperação, com sinais positivos no mercado industrial e de serviços. O problema passaria a

ser, então, o controle inflacionário, que apesar de estar dentro da meta, dá sinais de crescimento.

O cenário global favorável ajuda a China a adiantar suas novas políticas financeiras, mas ainda não se sabe o que será feito. O que se espera, é que se corrija as distorções de mercado, como excesso de crescimento de mercado, valoração inadequada de risco etc.

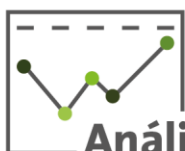
O Banco Popular da China anunciou que a política monetária será prudente e neutra. A inflação, ao contrário do que indicaria a economia aquecida, está sob controle. Assim, o Brasil, como grande exportador de matéria-prima para a China, deve ter um ano tranquilo quanto a isso.

Com a economia mundial aquecida, a indústria japonesa está em um momento excelente. Boa notícia para os exportadores de carne e café do Brasil, que já sabem que a demanda japonesa deve, no mínimo, ficar na mesma.

A Coreia do Sul, apesar dos riscos políticos criados por sua vizinha do norte, tem-se mostrado forte na economia, com crescimento forte da economia, o que deve acelerar um aperto monetário. Como o Brasil exporta principalmente produtos básicos, essa mudança não deve afetar tanto esse mercado.

A Colômbia também teve seu rating rebaixado por agências de risco, mas apresenta economia estável em comparação ao Brasil. O risco é, principalmente, na questão fiscal, pois os gastos estão baseados em previsões muito otimistas sobre a economia colombiana. Outro problema é eleitoral, pois o candidato que hoje lidera as pesquisas é ex-guerrilheiro e visto com ressalvas pelo mercado.

Apesar da proximidade entre os dois, o comércio entre Brasil e Colômbia ainda é



Macroeconomia

JANEIRO DE 2018

pequeno, com o Brasil importando principalmente carvão colombiano e nossos vizinhos adquirindo carros e caminhões no Brasil.

O México segue com grandes incertezas, tanto positivas quanto negativas. Incluem-se aí as negociações do NAFTA, a reforma tributária nos EUA, a inflação e as eleições. Nesse cenário, o México deve crescer menos que o esperado, ficando em 2,1% em 2017 e 2,4% em 2018. O principal produto brasileiro importado por eles é couro bovino, então esse setor pode sentir essa retração.

3. BRASIL

O FMI, em seu relatório recém lançado, prevê um crescimento maior para o Brasil em 2018, de 1,9%. Baseou esse número na perspectiva de valorização das commodities e das melhores condições da economia internacional. Segundo o Boletim Focus do dia 2 de fevereiro, o crescimento deve ficar em 2,7%.

Ainda segundo esse relatório, a inflação esperada para 2018 ficará em 3,9%, mesmo com o IPCA de janeiro sendo o menor da história em algum mês de janeiro desde o início do plano Real. Esse índice ficou em 0,29% em janeiro, puxado para baixo principalmente pelos vestuários, enquanto combustíveis e transportes públicos foram os que mais influenciaram a inflação para cima.

Na última reunião, o Copom baixou a taxa Selic em 25pp, para 6,75% ao ano. Esse é o menor patamar histórico, sendo a décima primeira queda consecutiva. Na reunião, no entanto, foi sinalizado de que as quedas param.

Apesar de ser um bom momento para o empresário investir, pois o custo do capital está mais baixo, a capacidade instalada e a indústria de bens de capitais não tem reagido como esperado.

O desemprego, de acordo com a PNAD, entre outubro e dezembro de 2017 ficou em 11,8%, com uma queda de 0,6%, e isso significa que 650 mil pessoas voltaram a trabalhar. Assim, o mercado de trabalho deve se estabilizar para, finalmente, com a possível recuperação econômica, voltar a se aquecer ainda mais.

Por fim, a balança comercial brasileira apresentou superávit de quase US\$ 3 bilhões em janeiro, principalmente pela venda petróleo, grãos e minérios. As importações mais relevantes foram as de insumos industriais elaborados, o que é um excelente sinal.

O índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) mostra crescimento de

O barril do petróleo se valorizou bastante entre dezembro e janeiro, passando para US\$63 dólares. Esse aumento se deve, principalmente, pela aceleração da economia, que amplia a demanda energética. Como a oferta não está crescendo tanto quanto a demanda, os preços devem continuar a subir no curto prazo.

As commodities agrícolas estão com os preços em alta, com valorização de 0,92% segundo o Banco Central, o que ajudaria o Brasil na questão das receitas de exportações, mas acabaria sendo um fator inflacionário.

1,4% entre novembro e dezembro, sendo um crescimento de 2,56 no último trimestre em relação ao terceiro trimestre de 2017.

O Real segue se valorizando em relação ao dólar, tendo o valor de R\$3,16 no final de janeiro. Também foi favorável a aceitação de títulos brasileiros no mercado norte-americano, que apresentou grande demanda.

Segundo o JP Morgan e a MacroSector, a tendência para as commodities é de leve aumento de valor, o que favorece o Brasil, grande exportador.

No final de janeiro, a agência de risco Standard and Poor's reduziu ainda mais a nota do Brasil, de BB para BB-. Isso significa que o Brasil terá que gastar mais para captar dinheiro no exterior, ou reduzir seus gastos de forma significativa. Como a reforma previdenciária ainda não foi aprovada resta ou se endividar mais ou realmente cortar na carne.